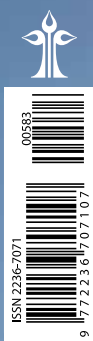


Exemplar avulso: R\$ 23,60



IGREJA EM AÇÃO

Raio-X
ministerial

Chamado
renovado

Plantio
de igrejas

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

JAN - FEV • 2026



PALAVRAS EM DESTAQUE



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Quando se trata de comunicação, a ênfase é um recurso valioso que consiste em dar destaque a algo, direcionando a atenção do receptor para uma ideia, sentimento ou ponto central. É um elemento essencial na fala, na escrita, na música e nas artes visuais, pois permite que o público perceba o que é mais relevante em uma mensagem.

O termo ênfase vem do grego *émphasis*, derivado do verbo *emphaínein*, que significa “manifestar, mostrar, tornar visível”. Originalmente, a palavra carregava a ideia de “manifestação, aparência, destaque” ou “impressão visível”. Ou seja, enfatizar é tornar algo perceptível e digno de atenção, quebrando a monotonia, o monocromatismo e a mesmice.

Na literatura, a ênfase assume formas diferentes conforme o estilo e a cultura. No contexto hebraico, por exemplo, textos poéticos e narrativos por vezes colocavam o ponto alto da mensagem – o *clímax retórico* – no meio do texto. Já na literatura grega clássica, o clímax costumava vir no final, produzindo um efeito de conclusão marcante.

Na música, a ênfase serve para criar impacto emocional. A obra *As Quatro Estações*, do compositor italiano Vivaldi, ilustra isso ao destacar elementos característicos de cada período do ano: na primavera, notas rápidas e repetitivas; no verão, contrastes intensos e dramáticos; no outono, ritmos festivos; e, no inverno, notas curtas e movimentos ágeis.

A ênfase também é um recurso indispensável na pregação. Quando o interlocutor utiliza uma entonação vibrante ou acentuada, certamente alcança maior impacto nos ouvintes. Nas artes visuais, esse efeito é obtido por meio de cores, contrastes e da disposição dos elementos, que atraem o olhar para o ponto central da obra.

A Bíblia mostra que várias personalidades tiveram suas próprias ênfases, tanto no conteúdo quanto na forma de transmitir a mensagem: Noé pregou sobre o juízo iminente (Gn 6; 2Pe 2:5); Moisés destacou a obediência aos mandamentos de Deus (Êx 20; Dt 6:5-9); Elias chamou o povo à fidelidade a Deus e ao combate à idolatria (1Rs 18); Jeremias utilizou atos simbólicos para conclamar Israel de volta à aliança (Jr 19:1-13; 27:1-22); João Batista enfatizou o arrependimento e o batismo, preparando um povo para

a vinda do Messias (Mc 1:4); e Paulo concentrou sua mensagem em “Jesus Cristo, e Este, crucificado” (1Co 2:2). E Jesus? Aquele que “é o centro vivo de todas as coisas” (*Mensagens Escolhidas* [CPB, 2022], v.1, p.133), tinha como ênfase “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Sua morte na cruz é o clímax das Escrituras, da história e do plano da redenção.

Hoje, a Igreja Adventista do Sétimo Dia também estabeleceu quatro ênfases de trabalho – as chamadas *Prioridades Estratégicas* – para o próximo quinquênio: Identidade, Liderança, Novas Gerações e Discipulado. Elas resumem o foco da denominação na América do Sul, que deve atuar de forma unida e organizada, identificando

necessidades e elaborando estratégias para o avanço da pregação do evangelho. Essas palavras precisam estar gravadas em nosso coração com o “marca-texto vermelho” da graça, impulsionando-nos a viver a missão com compromisso e propósito.

No artigo de capa desta edição, e ao longo deste ano, refletiremos sobre essas quatro palavras-chave. Que o Espírito Santo nos capacite a trabalhar unidos nesse ideal, para que em breve alcancemos o clímax do nosso ministério: ver Jesus voltar. “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20). ■

“
**Essas palavras
precisam estar
gravadas em
nosso coração
com o ‘marca-
texto vermelho’
da graça.**”



10

Integrados
na missão

Carlos Gill

Douglas Menslin

Carlos Campitelli

Eber Nunes



14

Raio-X ministerial

Da Redação



16

Chamado renovado

Samuel Bastos



20

Plantio de igrejas

Ronald Herencia



24

Plano de ação

Eduardo Lopes

Milton Andrade

28

Justificação pela fé
e juízo pelas obras

Josué Gajardo



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 98 – Número 583 – Jan/Fev 2026
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e Layout Fábio Fernandes
Programação Visual Marcos Santos

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Carlos Gill; Otávio Barreto; Jônatas Leal; Pablo Ale;
Jongimipi Papu; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Claudiney Santos; Daniel Ibarra; Edison Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Guillermo Efrain; Henrique Gonçalves;
Javier Ayala; José Erinaldo; José Wilson; Luciano
Salviano; Luis Mário; Milton Mayo; Reginaldo Irala.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatui, SP

Presidente Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 114,90
Exemplar Avulso: R\$ 23,60



Todos os direitos reservados. Proibida
a reprodução total ou parcial, por
quaisquer meios, sejam impressos,
eletrônicos, fotográficos ou sonoros,
entre outros, sem prévia autorização
por escrito da editora.

LEITURA QUE TRANSFORMA VIDAS

EM TODAS AS FASES, EM TODO TEMPO



5

LIVROS

Uma jornada espiritual para cada idade. Uma igreja unida pela leitura, pela fé e pelo propósito de crescer com

Deus

SERVO DE DEUS E AMIGO DE TODOS
Juvenis e Desbravadores

ORAÇÃO
Livro do Ano

SETE RAZÕES PARA CRER NA VIDA ETERNA
Universitários

OUSE VIVER A PALAVRA
Jovens

O PLANO SECRETO DE JÔNATAS
Crianças e Aventureiros



Escreva para a MINISTÉRIO



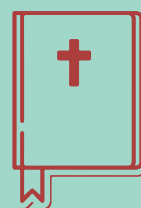
ministerio@cpb.com.br

AaI

Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

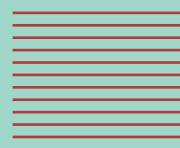
Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



Envie uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790806
©15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo


pra toda a vida



Stanley Arco
presidente da Igreja
Adventista para a
América do Sul



PRIORIDADES ESTRATÉGICAS

O Concílio de Jerusalém, registrado em Atos 15, foi crucial por diversas razões: afirmou que a salvação é pela graça, fortaleceu a missão aos gentios, protegeu a unidade da igreja e deu exemplo de como lidar com controvérsias internas. Esse concílio mostrou que decisões denominacionais são importantes para avaliar e direcionar o crescimento da igreja. Como resultado, “as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (At 16:5).

Recentemente, foi realizada uma avaliação da Igreja Adventista na América do Sul, ouvindo 4 mil pastores distritais e de colégios, administradores e departamentais em todos os níveis – Divisão, Uniões e Campos. Em um diálogo amplo, com sinceras ponderações, oração e clamor em busca do Espírito Santo, foram estabelecidas as *Prioridades Estratégicas*, com vistas ao trabalho da igreja no quinquênio 2026-2030. São elas: Identidade, Liderança, Novas Gerações e Discipulado.

Em Atos 16:1 a 6, vemos como essas prioridades já se destacavam na igreja apostólica:

1. *Identidade (Somos)*: “Havia ali um discípulo chamado Timóteo [...]. Os irmãos [...] davam bom testemunho dele. [...] Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé” (v. 1, 2, 5). Sonhamos com irmãos fortes na fé, uma igreja com clara identidade em Jesus e marcada pelo testemunho diante de todos. Somos remanescentes, não exclusivistas, enviados a proclamar o evangelho e preparar um povo para a volta de Jesus.

2. *Liderança (Formamos)*: “Paulo queria que Timóteo fosse em sua companhia” (v. 3). Aqui vemos um processo de formação de líderes. Queremos envolver e capacitar espiritualmente os membros, muitos deles recém-batizados, para exercerem a liderança espiritual da igreja. Que liderem a missão e o plantio de igrejas, e não apenas funções internas ou administrativas. Sobre o pastor recai, principalmente, a responsabilidade de formar líderes.

3. *Novas Gerações (Integramos)*: “Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego. [...] Paulo queria que Timóteo fosse em sua companhia” (v. 1, 3). Timóteo representa as novas gerações da igreja, e Paulo investe nele. Isso inclui crianças, adolescentes e jovens. Essa ênfase ressalta a importância de integrar as novas gerações à liderança da igreja, utilizando linguagem e ideias inovadoras para fortalecer a missão de anunciar Jesus.

4. *Discipulado (Fazemos)*: “Ao passar pelas cidades [...] as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (v. 4, 5). Devemos investir tempo no planejamento e empreender esforços no ensino, no acompanhamento e na prática da fé. O processo completo inclui: ir, ensinar, batizar e multiplicar. Isso é discipulado. Nossos “bebês espirituais”, os recém-batizados, são fortalecidos nesse processo, formando cristãos maduros, uma igreja saudável, comunidades vivas e membros comprometidos com a evangelização.

Ellen White nos desafia: “O segredo de nosso êxito na obra de Deus encontra-se na atuação harmoniosa de nosso povo.

É preciso haver uma ação concentrada. Todo membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus, segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração [...]. Se os cristãos agissem de comum acordo, avançando como um só homem, sob a direção de um único Poder, para a realização de um só objetivo, abalaríamos o mundo” (*Serviço Cristão* [CPB, 2022], p. 63).

Querido pastor, qual será sua resposta ao liderar a igreja de Deus? ■

“
Decisões
denominacionais
são importantes
para avaliar
e direcionar o
crescimento
da igreja.”



VISÃO MINISTERIAL



Primeiro sul-americano a presidir a Igreja Adventista do Sétimo Dia em nível mundial, Erton Carlos Köhler nasceu em Caxias do Sul (RS). Filho de pastor, desde a infância sonhava em seguir os passos do pai. Ao longo de sua trajetória ministerial, como pastor distrital, líder de Jovens, presidente da Divisão Sul-Americana e secretário executivo da Associação Geral, sempre demonstrou compromisso missionário e visão estratégica. Casado com Adriene Marques e pai de Mariana e Matheus – que também é pastor –, o novo líder mundial fala sobre os desafios do ministério em diferentes partes do mundo e as prioridades da igreja para fortalecer a visão e a vocação pastoral.

O lema “fundamentados na Bíblia e focados na missão” resume a visão da igreja mundial. Como as Divisões têm procurado traduzir esse propósito em estratégias concretas? No caso da Divisão Sul-Americana, o senhor poderia destacar algum exemplo específico?

Esse lema tem sido um chamado para que a igreja volte à essência de nossa denominação. Somos o povo do Livro, com um chamado específico para cumprir a missão de preparar este mundo para a segunda vinda de Jesus. Da Bíblia vem nossa identidade, a razão de nossa existência e o claro chamado para anunciar as três mensagens angélicas em uma moldura de esperança. A aplicação prática dessa visão ocorre por meio de quatro pilares específicos, que orientam processos, pessoas e prioridades no planejamento da igreja em nível mundial: *comunhão com Deus, identidade em Cristo, unidade através do Espírito Santo e missão para todos*. Quando falamos de comunhão com Deus, destacamos a necessidade de ter uma agenda espiritual antes da agenda institucional, com mais tempo dedicado à oração, ao estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia – um tempo que se reflita em uma vida espiritual mais sólida e em sermões mais consistentes. A identidade em Cristo ressalta iniciativas de discipulado que fortaleçam os fundamentos de nossa

fé, tenham base bíblica, foco escatológico e resultem em compromisso pessoal. Já a ênfase na unidade por meio do Espírito Santo evidencia a importância da integração de todas as forças da igreja. A unidade é um dos nossos maiores desafios, e só pode ser alcançada por meio da cooperação real entre departamentos e instituições, da superação de fronteiras regionais para fortalecer a missão mundial e da eliminação do individualismo em favor do crescimento da igreja

“Independentemente da posição que ocupo, meu compromisso é servir como pastor em qualquer nível da organização.”

como um todo. São tarefas quase impossíveis, que só se tornam viáveis se o Espírito Santo atuar poderosamente entre nós. Por fim, a missão para todos reflete nosso compromisso em desenvolver iniciativas missionárias que envolvam cada membro da denominação de acordo com seus dons, de modo que todos encontrem seu espaço no cumprimento da missão. A Divisão Sul-Americana expressa essas prioridades por meio de iniciativas que atendem à necessidade de seus oito países. Entre elas estão o fortalecimento da identidade adventista, o discipulado das novas gerações, a formação de liderança e os projetos missionários como a Semana Santa, as semanas de evangelismo, o Impacto Esperança e a Missão Calebe. Assim, a missão regional permanece conectada à visão global de estarmos fundamentados na Bíblia e focados na missão.

Quais são os principais desafios do ministério pastoral ao redor do mundo?

Viajando por diferentes países e continentes, tenho observado que, embora as culturas, os idiomas, os hábitos e os alimentos sejam bastante distintos, as necessidades humanas são muito semelhantes. O mesmo ocorre com o ministério pastoral. Em diferentes contextos, os pastores lutam contra a influência crescente do secularismo, o risco do comodismo e a tendência ao individualismo. Além disso, lidam com a dificuldade de envolver os membros – especialmente as novas gerações – em um contexto cada vez mais digital; de encontrar caminhos que tornem a missão mais envolvente, relevante e eficaz; de liderar a igreja em tempos de polarização e de crescente complexidade social; e de manter o equilíbrio entre a vida pessoal, emocional, espiritual e familiar. Esses são desafios globais que os pastores enfrentam ao buscar permanecer fiéis ao chamado de apascentar “o rebanho de Deus que há entre vocês” (1Pe 5:2).

Considerando os dados da Pesquisa Global de Pastores Adventistas, quais serão as prioridades da Associação Geral na área ministerial nos próximos anos?

Nosso maior desafio é fortalecer a vocação ministerial das novas gerações de pastores. Esse fortalecimento deve ajudá-los a concentrar-se nas verdadeiras prioridades, sem se deixar consumir pelas distrações virtuais; a investir no que é essencial, e não apenas interessante; e a desenvolver um ministério menos centrado em eventos e mais voltado para o acompanhamento – um ministério alicerçado em um discipulado sólido e em um púlpito profundo. Queremos apoiar nossos pastores na administração de sua vida pessoal, emocional, familiar, financeira e espiritual. Somente com o equilíbrio dessas áreas o ministério se torna uma vocação e deixa de ser apenas uma profissão. Quando nossos pastores abandonam a capa de super-heróis, deixam de ser profissionais da palavra para se tornar instrumentos de Deus. O combustível dessa transformação vem do fortalecimento da visão, da paixão e do foco na missão – especialmente uma missão que seja fruto do discipulado, do treinamento e do envolvimento dos membros, e não apenas uma tarefa profissional do pastor. Além disso, em várias regiões do mundo observa-se uma diminuição no número de jovens que se sentem vocacionados para o ministério. Essa tendência tem resultado na redução de alunos nos seminários e, conseqüentemente, em menos pastores atuando no campo, o que pode preparar o terreno para uma séria crise ministerial.

“Nosso maior desafio é fortalecer a vocação ministerial das novas gerações de pastores.”

O senhor costuma dizer que, embora exerça funções administrativas, sua vocação é ser pastor. De que maneira essa visão influencia sua liderança?

Tenho duas palavras que definem como vejo meu serviço à igreja: ministério e missão. Independentemente da posição que ocupo, meu compromisso é servir como pastor em qualquer nível da organização. Naturalmente, isso envolve muitos desafios, mas procuro manter essas palavras sempre no coração para não me afastar do chamado de Deus. Busco manter minha vida de comunhão pessoal como um pastor; preparar meus sermões com o coração de pastor; envolver-me ativamente na igreja local como um pastor; lidar com problemas, simples ou complexos, com uma visão pastoral; e manter sempre a igreja local como prioridade. As estruturas da igreja não podem ser ilhas nem castelos, mas devem servir como apoio direto ao crescimento da obra na linha de frente. Meu desejo é ser um instrumento de Deus: usado por Ele e dependente Dele a cada passo. Isso resume minha visão pastoral. É claro que, quando se ocupa uma posição de liderança, cada

gesto é observado, julgado e interpretado; surgem diferentes opiniões sobre o trabalho realizado, e as redes sociais se tornam terreno fértil para todo tipo de comentário. Faz parte do processo de liderança e da estrutura que temos. Mas o mais importante é manter a consciência tranquila e a convicção de estar seguindo a vontade de Deus.

Em meio a uma rotina tão intensa como líder mundial da igreja, quais práticas sustentam seu ministério?

Eu começo sempre pela comunhão pessoal. Isso é inegociável! Dedico tempo significativo à oração nas primeiras horas da manhã e também ao estudo da Bíblia e dos materiais devocionais. Sem Cristo, não sou nada e não posso enfrentar os imensos desafios da responsabilidade que me foi confiada. Não é difícil imaginar a complexidade de liderar uma igreja mundial, profética e com a grandiosa missão de preparar este mundo para a segunda vinda de Jesus – uma igreja oficialmente presente em 212 países e territórios, com mais de 24 milhões de membros. Só mesmo pela graça de Deus! Costumo dizer que não gasto tempo pensando na grandeza da responsabilidade. Apenas peço ao Senhor que envie o “maná” de cada dia; é com esse sustento divino que encontro forças para os desafios que estão diante de mim.

Que mensagem ou conselho gostaria de deixar especialmente aos pastores sul-americanos?

Muito obrigado por pregarem com fidelidade, disculparem com perseverança e cuidarem do rebanho com coragem e ternura. Guardem a Bíblia no coração e deem a ela prioridade no púlpito. Formem discípulos que façam discípulos, abrindo espaço real para que os jovens sejam acolhidos e envolvidos. Protejam a identidade adventista e a unidade em Cristo. Ajam

“Não gasto tempo pensando na grandeza da responsabilidade. Apenas peço ao Senhor que envie o ‘maná’ de cada dia.”

com integridade e esperança nas cidades – inclusive nos lugares mais desafiadores –, e cumpram o ministério com alegria e firmeza. Afinal, o ministério exige: “Seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério” (2Tm 4:5). Portanto, sigamos como uma só família, sempre fundamentados na Bíblia e focados na missão, até a volta de Cristo. ■



Crédito: Peterson Fagundes / Adventist Media Exchange CC BY 4.0

UM NOVO CAPÍTULO COMEÇOU, E VOCÊ ESTÁ
CONVIDADO A LER... OPS, OUVIR E VER. PODE DAR O PLAY.



Um canal de podcasts para toda a família

Conteúdos que vão desde as histórias das novas lições da Escola Sabatina até profundos debates teológicos.





Carlos Gill
secretário
ministerial
da Igreja
Adventista
para a
América
do Sul



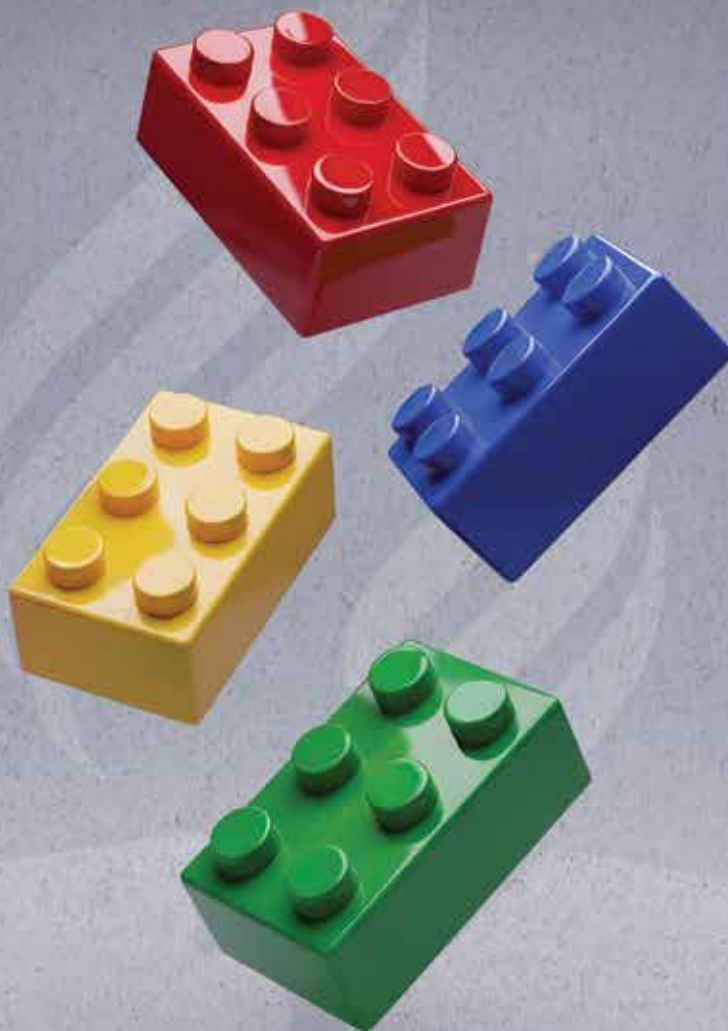
Douglas Menslin
assistente da
presidência e
líder associado
da Educação
Adventista para a
América do Sul



Carlos Campitelli
líder do
Ministério
Jovem da Igreja
Adventista
para a América
do Sul



Eber Nunes
líder de
Ministério
Pessoal, Escola
Sabatina e
ASA da Igreja
Adventista para a
América do Sul



INTEGRADOS na missão

As quatro prioridades da Igreja Adventista para o próximo quinquênio

Em julho de 2024, foi realizada uma pesquisa de campo com cerca de 4 mil pastores, administradores e departamentais da Divisão Sul-Americana (DSA), com o objetivo de levantar dados sobre a realidade da igreja em nosso território. Com base nos resultados obtidos, os líderes desenvolveram o *Planejamento Estratégico 2026-2030*, aprovado em maio de 2025 pela DSA e apresentado, em agosto do mesmo ano, aos líderes de Campo, Uniões e instituições durante o CADE (Concílio de Administradores e Departamentais), em Foz do Iguaçu (PR).

Elaborado a partir da necessidade e da percepção da igreja local, o *PE* tem as seguintes premissas: (1) Planejamento que represente a igreja local; (2) Construído a partir de dados e informações de quem atua na linha de frente, junto aos membros; (3) Contemplar as necessidades geográficas da DSA, mantendo alinhamento com os propósitos da Igreja mundial; (4) Proporcionar espaço para que a igreja e os membros atuem segundo sua realidade, sem perder a unidade; e (5) Ser simples de entender, descomplicado de aplicar e acessível para todos os níveis da igreja.

Neste artigo, veremos um resumo das quatro prioridades estratégicas da Igreja Adventista para os próximos anos.

Identidade

Falar de identidade é falar de origem, missão e propósito. Ser adventista é reconhecer que somos um movimento chamado por Deus para proclamar o evangelho eterno no contexto das três mensagens angélicas (Ap 14:6-12). Esse chamado molda nossa fé, define nossa missão e orienta nossa esperança. Por isso, a identidade adventista é inseparável da missão, e o ministério pastoral é o instrumento por meio do qual a igreja é conduzida a viver plenamente essa missão.

A identidade adventista é cristocêntrica. Tudo começa e termina em Cristo: Sua encarnação revela o caráter de Deus; Sua cruz é o centro do plano da salvação; e Seu ministério no santuário celestial, como Sumo Sacerdote, aplica os méritos do Seu sangue em nosso favor, intercede por nós, conduz o juízo investigativo que vindica o caráter divino e prepara a consumação da salvação antes de Sua volta. O pastor adventista é chamado a manter o Cristo revelado nas Escrituras no centro da pregação, da liderança e da vida da igreja. Como lembrou Ellen White, “o sacrifício de Cristo para expiação pelo pecado é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras”¹

A identidade adventista é também comunitária. A igreja não é um mero ajuntamento de indivíduos, mas o corpo de Cristo, chamado a ser luz para o mundo. Nesse contexto, o pastor não é apenas um administrador, mas um servo e guia espiritual que equipa os membros para o serviço (Ef 4:12). Sua missão não é fazer tudo sozinho, mas preparar líderes e conduzir cada pessoa à maturidade em Cristo (Cl 1:27-29; 2:1-5).

Finalmente, a identidade adventista é escatológica. Vivemos à luz da bendita esperança: “Aquele que vem virá e não irá demorar” (Hb 10:37). Essa esperança molda nosso ministério e dá sentido às nossas ações. O pastor adventista é, assim, um servo de Cristo, guardião da fé e líder da missão – um mensageiro da esperança que conduz um povo ao encontro com o Senhor.

Portanto, identidade e ministério caminham juntos. A igreja encontra no pastor um reflexo de sua própria vocação: andar com Cristo, servir a Cristo e proclamar o evangelho até que Ele volte.

OBJETIVO GERAL

1. Fortalecer a identidade profética da IASD como povo remanescente.
2. Desenvolver o compromisso dos membros da igreja com as crenças fundamentais e com o estilo de vida adventista.

Liderança

Na Palavra de Deus, o termo liderança não é encontrado com o sentido que conhecemos e aplicamos hoje, associado a conceitos de gestão ou teoria organizacional. Entretanto, com frequência, ações de liderança estão relacionadas a pastorear, presidir, guiar, servir e orientar, para citar apenas alguns exemplos (1Pe 5:2; Mt 20:26-28; 1Tm 3:4, 5).

É nesse sentido que o pastor deve trabalhar com seus membros: formar líderes preparados para pastorear, mas que, ao mesmo tempo, sejam capazes de guiar, servir e orientar a igreja em todas as áreas, descobrindo talentos e formando novos líderes para auxiliá-lo na condução do rebanho.

O envolvimento dos membros nas atividades gerais da igreja sempre representa um desafio, e muitas vezes o pastor acaba trabalhando sozinho, tornando seu ministério pesado.

Contudo, a formação de líderes comprometidos com a missão da igreja é uma das mais nobres atividades que o

pastor pode desenvolver em seu ministério, pois permite descobrir talentos, capacitar novos membros e preparar as novas gerações para servir como líderes do corpo de Cristo (Rm 12:6-8; 1Co 12:4-7).

Mais do que eventos e bons programas, a nova geração de membros busca sentido naquilo que a igreja lhes proporciona, enxergando nela um vínculo com uma vida religiosa significativa.

O apóstolo Paulo nos orienta que a igreja deve exercer a liderança por meio do pastoreio, sob a orientação dos anciãos e diáconos, envolvendo todas as áreas da igreja. Ele também ensina que a liderança pode ser compreendida como um dom espiritual, concedido por Deus àqueles que se dedicam a servir à Sua Causa. Todo membro que se coloca nas mãos de Deus com o propósito de servir será usado por Ele como líder no preparo de novos líderes (Rm 12:7, 8; 1Tm 3:1-13; At 20:28).

Com o aumento do número de igrejas, surge a necessidade de mais líderes motivados, preparados e qualificados, para que a igreja cumpra seu papel de farol, iluminando um mundo cada vez mais envolto nas trevas do pecado.

Para que isso aconteça, é imprescindível que a igreja conte com uma liderança comprometida com a verdade e com a missão: fazer discípulos de Jesus que liderem suas igrejas, vivendo e proclamando o evangelho eterno, até Seu breve retorno.

a essência do ministério pastoral: conduzir cada geração a viver enraizada em Jesus.

As novas gerações não buscam apenas programas bem organizados ou discursos eloquentes. Elas anseiam por relacionamentos autênticos, fé coerente e experiências reais que mostrem que seguir a Cristo é possível. Discipular é justamente isso: abrir espaço para perguntas sinceras, caminhar junto nas lutas e vitórias e mostrar, com a vida, a graça que nos sustenta.

Esse processo é intergeracional, porque só quando crianças, jovens e adultos crescem juntos a igreja se torna plena. Como mencionou Lucas Leys: "A igreja não é um lugar onde frequentar, mas uma família a quem pertencer."² Essa visão transforma a comunidade em espaço de pertencimento e missão, onde cada geração descobre seu papel e compromisso.

O púlpito pode inspirar e os programas podem motivar, mas é no discipulado que a fé se torna experiência. Uma igreja discipuladora não forma apenas membros, mas gera discípulos que participam ativamente da liderança, assumem responsabilidades e refletem Cristo em sua vida.

Pastor, esta é a oportunidade de reafirmarmos nossa vocação: não multiplicar atividades, mas formar discípulos em Cristo. Ao escolhermos o discipulado como prioridade, construiremos uma igreja intergeracional, unida e missionária, na qual cada nova geração encontrará em Jesus sua identidade e seu futuro.

OBJETIVO GERAL

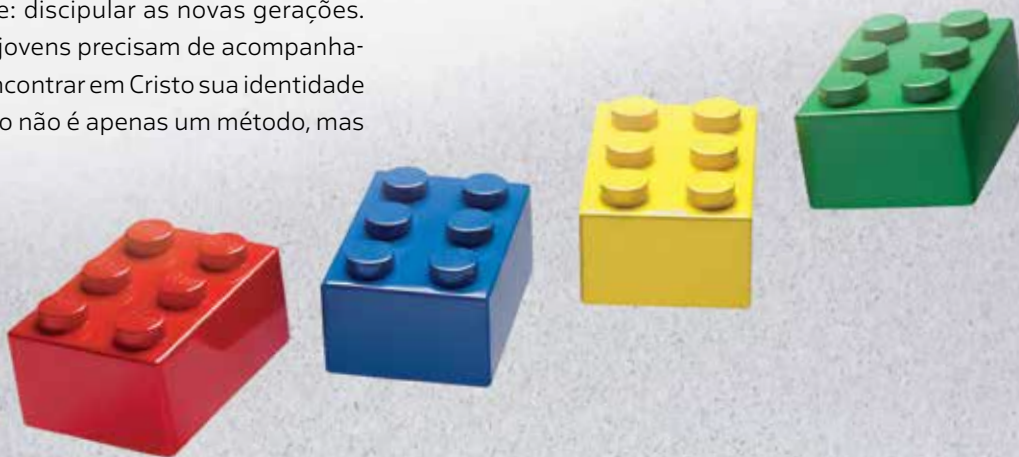
1. Formar e desenvolver líderes.
2. Desenvolver e fortalecer as competências pastorais.

OBJETIVO GERAL

1. Comprometer as novas gerações na comunhão e adoração.
2. Envolver as novas gerações na missão e liderança da igreja.

Novas gerações

Entre as prioridades estratégicas deste quinquênio, uma se destaca como urgente: discipular as novas gerações. Crianças, adolescentes e jovens precisam de acompanhamento intencional para encontrar em Cristo sua identidade e missão. Esse discipulado não é apenas um método, mas



Discipulado

A vida pastoral é intensa. As demandas são múltiplas: administração, programas, reuniões, visitas, relatórios, entre outras. Embora existam manuais e materiais que orientem o pastor a lidar com tais atribuições, permanece uma questão central: Qual deve ser o verdadeiro foco do ministério? Se o pastor não define claramente sua prioridade, facilmente será engolido pela rotina e reduzirá sua obra a manter atividades, sem alcançar o propósito pelo qual foi chamado.

Ao sentir o fim da vida se aproximar, o apóstolo Paulo escreveu a Timóteo, seu filho na fé, instruindo-o sobre o que realmente importa: “E o que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas, isso mesmo transmita a homens fiéis, idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2). Paulo não pediu a Timóteo que se concentrasse em programas, mas em pessoas. Sua preocupação estava na continuidade do evangelho, assegurada pela multiplicação de discípulos que se formariam e formariam outros.

O teólogo Gerhard Kittel observou que, quando o ministro idôneo transmite a genuinidade do evangelho voltado ao serviço da comunidade, cumpre plenamente o seu ministério, pois é nesse fundamento que se sustenta a mobilização missionária da igreja.³

Jesus, o Mestre dos mestres, não iniciou Seu ministério com estruturas organizacionais ou estratégias humanas. Ele chamou discípulos para estarem com Ele e, depois, os enviou. A lógica de Seu ministério foi clara: primeiro a comunhão, depois a missão. É neste modelo que se encontra o coração do discipulado. O teólogo George Morgan destacou que o chamado pastoral é recrutar, educar e treinar, assim como Cristo fez. O verdadeiro aprendizado não se limita à teoria, mas acontece caminhando com o Mestre e reproduzindo Seus passos.⁴

A palavra *katartismos*, traduzida por “aperfeiçoamento” em Efésios 4:11 a 16, significa “preparação completa” ou “equipamento completo” para a realização de uma tarefa.⁵ Isso evidencia que o papel do pastor não é apenas transmitir conhecimento, mas capacitar pessoas para a missão. Por isso, o pastor de hoje precisa deixar de ser apenas um realizador para se tornar, antes, um treinador. Essa mudança de perspectiva redefine o que entendemos

por sucesso ministerial: ele não se mede pela quantidade de sermões pregados ou de programas conduzidos, mas pela capacidade de formar discípulos que, por sua vez, formarão novos discípulos.

Diante da experiência apostólica, do exemplo de Cristo e do ensino bíblico, chegamos a uma conclusão inevitável: a meta suprema do ministério pastoral é a formação de discípulos. Sem discípulos, o evangelho não se multiplica. Sem discípulos, a igreja se torna consumidora em vez de missionária. Sem discípulos, o ministério se reduz a tarefas, e não à transformação.

Mas, quando o pastor coloca o discipulado como prioridade, seu ministério encontra direção, a igreja desperta para a missão e a vida pastoral cumpre o propósito para o qual foi chamada: formar Cristo em outros, até que Ele volte.

OBJETIVO GERAL

1. Desenvolver uma relação pessoal com Deus por meio da oração, do estudo da Bíblia e da fidelidade.
2. Envolver cada membro da igreja na salvação de alguém por meio de seus dons, formando novos discípulos.

Conclusão

Que o Senhor nos conceda sabedoria para mobilizar a igreja na nobre missão de proclamar o evangelho a todo o mundo. Ellen White escreveu: “Deve ser feita na igreja uma obra bem organizada, para que seus membros saibam como comunicar a luz a outros e assim fortalecer a própria fé e aumentar seu conhecimento. Ao repartirem o que receberam de Deus, serão firmados na fé. A igreja que trabalha é uma igreja viva. Somos transformados em pedras vivas, e cada uma delas deve emitir luz. Cada cristão é comparado a uma pedra preciosa que recebe a glória de Deus e a reflete.”⁶

Que Jesus volte em nossa geração. Maranata! ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 243.
- 2 Lucas Leys, *Haz Discípulos: El Método Bíblico Para Hacer Crecer Tu Ministerio y La Iglesia* (Miami, FL: Editorial Vida, 2013), p. 21.
- 3 Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich (orgs.), *Theological Dictionary of The New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1976).
- 4 George C. Morgan, *Discipleship* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1897), p. 11-21.
- 5 James Strong, *A Concise Dictionary of the Words in the Greek Testament and The Hebrew Bible* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2009), p. 40.
- 6 Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 62.



RAIO-X MINISTERIAL

O que a pesquisa global realizada com pastores adventistas revelou sobre a satisfação no ministério e os desafios enfrentados

Em 2022 e 2023, 12.380 pastores adventistas – mais de 40% do total de ministros que atuam em igrejas locais ao redor do mundo – participaram da Pesquisa Global de Pastores Adventistas (GAPS, na sigla em inglês). O estudo, coordenado pela Associação Geral, buscou compreender experiências, percepções e desafios da vida pastoral. Os resultados mostram que, apesar das culturas diversas, existem pontos em comum que inspiram, enquanto outros exigem reflexão e demandam mudanças.

A grande maioria dos pastores adventistas encontra realização em sua missão

CHAMADO E REALIZAÇÃO

93%

sentem estar no lugar para o qual Deus os chamou.

91%

afirmam que ser pastor corresponde aos seus dons e talentos.

90%

dizem gostar de ser pastor.

84%

têm plena convicção do chamado divino.

79%

percebem que seu trabalho ajuda a cumprir seu chamado para o ministério de tempo integral.



EXAUSTÃO E SOLIDÃO



44%

relataram sentir-se física ou emocionalmente esgotados.



30%

dizem não ter com quem conversar ou pedir aconselhamento.



28%

já pensaram em deixar o ministério pastoral.



28%

sentem que ninguém se importa com eles.



COMPARAÇÃO

Gosto por ser pastor



Convicção do chamado



Confirmação da vocação pastoral



Pensamentos de abandonar o ministério



Nota: Este infográfico foi adaptado a partir do artigo intitulado "What did the Global Adventist Pastors' Survey reveal?", publicado na edição de outubro da revista *Ministry* (p. 6-10).

Apesar das pressões e do cansaço relatado, **86% dos pastores adventistas** afirmam que pretendem continuar no ministério pelos próximos dez anos. O estudo reforça a importância de fortalecer o apoio, o cuidado e os programas de acompanhamento pastoral em todo o mundo.



Samuel Bastos
pastor em Aracaju,
Sergipe



CHAMADO RENOVADO

A fidelidade à vocação e seu impacto na liderança

Elias, tomado por profundo desânimo, refugiou-se em uma caverna no monte Horebe, após o exaustivo confronto com os falsos profetas no monte Carmelo, que resultou na morte de 450 profetas de Baal e 400 profetas da deusa Aserá (1Rs 18:19). Esse embate havia sido precedido por tensos encontros com o rei Acabe e sua infame esposa Jezabel que, sendo sidônia, introduziu em Israel o fervor de sua religião e a audácia de tentar destruir a identidade espiritual do povo de Deus.

Por ordem divina, Elias havia profetizado a ausência de chuva e a consequente devastação das colheitas, como forma de expor a falsidade de Baal, o suposto deus da natureza. Depois desses episódios – a descida abundante da chuva e a corrida de cerca de 20 km à frente da carruagem de Acabe – Elias se encontrava cansado, exausto e vulnerável à depressão, a ponto de desejar a morte. Dominado pelo medo e desalento, fugiu para o deserto do Sinai, onde, após 40 dias de caminhada, se refugiou no interior de uma caverna.

Essa cena reflete com precisão seu estado emocional e sua crise vocacional. O excesso de trabalho, sem o equilíbrio do descanso e do lazer, conduz à exaustão e à perda da paixão pelo desempenho e desenvolvimento da vocação.¹ Em meio ao desespero, Elias desabafou diante de Deus: “Tenho sido muito zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a Tua aliança, derrubaram os Teus altares e mataram os Teus profetas à espada. Só fiquei eu, e eles estão querendo tirar-me a vida” (1Rs 19:10).

Mas por que Elias foi justamente ao Sinai, também chamado Horebe? É necessário compreender que ele estava em uma batalha espiritual para levar o povo a romper com o sincretismo entre o javismo e o baalismo, chamando-o de volta à adoração exclusiva a Yahweh. De acordo com o professor Homer Heater Jr., a peregrinação de Elias foi uma busca pelas raízes do javismo, pois foi naquele monte

que Deus apareceu a Moisés, onde a lei foi entregue e onde Israel nasceu como nação fundamentada na adoração a Yahweh.²

Assim, a menção ao Sinai na história de Elias remete ao encontro de Deus com Moisés, de onde este saiu como fundador da nação. De modo semelhante, do encontro de Elias com Deus, também no Sinai, ele emerge como o reconstrutor e reformador de Israel.³

Lidando com o passado

“O que você está fazendo aqui, Elias?” (1Rs 19:9). Essa pergunta, aparentemente desnecessária para um Deus onisciente (Sl 139), remete à que foi dirigida a Adão: “Onde estás?” (Gn 3:9). Não se trata de uma investigação sobre a posição geográfica, mas de uma sondagem a respeito de sua condição diante do plano e do chamado que Deus lhe havia confiado.

A resposta de Elias (v. 10) estava centrada nas glórias do passado. Sua intensa dedicação ao bem-estar espiritual de Israel, somada à falta de reconhecimento ou apreço e à inesperada perseguição dos líderes da nação, desencadeou nele profundos problemas emocionais – que encontram paralelo no ministério atual.

A falta de reconhecimento sincero ou de um ambiente de trabalho acolhedor pode gerar sentimentos como desânimo, depressão, medo, frustração, raiva e baixa autoestima. Quando já existe uma predisposição ao desânimo, esses problemas tendem a ser agravados pela indiferença ou pela falta de feedback honesto por parte de líderes situados na hierarquia de qualquer sistema.⁴

Apesar da relevância desses fatores, é fundamental exercer responsabilidade pessoal e buscar amadurecimento emocional, vocacional e espiritual, sem perder de vista dois pontos essenciais. Primeiro, a Palavra de Deus nos orienta e esquecer o passado (Is 43:18), especialmente quando ele se torna uma âncora que nos prende a um momento específico ou um véu que nos impede de enxergar o futuro (v. 19). Segundo, todo pastor enfrentará crises vocacionais e momentos de desânimo em algum ponto de sua trajetória.

Nesse contexto, aplicam-se as seguintes palavras de Ellen White: “Todos nós passamos por dias de profunda decepção e extremo desânimo – dias em que só predomina a tristeza, nos quais é difícil crer que Deus ainda é o bondoso benfeitor de Seus filhos na Terra; dias em que os problemas nos perturbam de tal forma que parece melhor morrer do que continuar vivendo. É nesse momento que muitos perdem sua confiança em Deus e são levados à escravidão da dúvida e ao cativeiro da incredulidade. Se nesses momentos pudéssemos discernir com percepção espiritual o significado das providências de Deus, veríamos anjos procurando nos salvar de nós mesmos, esforçando-se para firmar nossos pés num fundamento mais firme que os montes eternos; e nova fé, nova vida jorriam para dentro do ser.”⁵

“Esquecendo-se de Deus, Elias fugia cada vez mais, até que se encontrou num árido deserto, sozinho.”⁶ Fuga e solidão: esse é o destino

perigoso quando nos esquecemos de Deus e damos ouvido apenas aos nossos problemas e sentimentos.

Como pastores, devemos lembrar que estamos em meio ao grande conflito, o qual possui “dimensões cósmicas, históricas e pessoais”, conforme afirma o pastor Alberto Timm.⁷ Assim como o diabo tentou desanimar e desviar Elias, ele também buscará fazer o mesmo com os pastores da atualidade, pois estes, como Elias, são porta-vozes da verdade presente (Ap 14:6-12).

É preciso recordar também que Davi, em sua maior crise, encontrou ânimo no Senhor, seu Deus (1Sm 30:6), e que Paulo nos ensina que a verdadeira alegria não depende das circunstâncias, mas é encontrada em uma Pessoa – Cristo (Fp 4:4-7). Em outras palavras, precisamos permitir que o olhar de Deus nos defina, e não a avaliação de chefes ou colegas, embora tais considerações tenham valor e importância para o equilíbrio emocional.

Recomeçando agora para um futuro melhor

Na conversa de Deus com Elias, o Senhor lhe dá alguns imperativos que ainda ecoam em nossos ouvidos, pois a história registrada no Antigo Testamento foi escrita como exemplo tipológico (1Co 10:11).

Primeiro, Deus disse: “Saia” (1Rs 19:11). Elias deveria deixar a caverna. Para alguns pastores, essa caverna pode simbolizar a perda de rumo, manifestada em tristeza, ressentimento, estagnação, autopiedade e amargura (Hb 12:15). Em seguida, o Senhor acrescentou: “Vá, volte ao seu caminho” (1Rs 19:15). Esse retorno estava diretamente ligado aos planos que Deus ainda tinha para o futuro de Elias, deixando claro que Ele não havia permitido que o profeta depusesse as armas ou entregasse seu ministério.



A esse respeito, Ellen White afirmou: “Muita coisa depende da incessante atividade dos que são verdadeiros e leais; e por essa razão Satanás põe todo o esforço possível no sentido de impedir o propósito divino de ser realizado por meio daquele que é obediente. Ele leva alguns a perder de vista sua elevada e santa missão e a se tornarem satisfeitos com os prazeres desta vida. Faz com que caiam no comodismo ou que se mudem dos lugares onde poderiam ser uma força para o bem, com o propósito de encontrar maiores vantagens terrenas. Outros, ele leva ao desânimo, fazendo com que fujam do dever, em face da oposição ou perseguição. Mas todos esses são considerados pelo Céu com a mais terna piedade. A cada filho de Deus, cuja voz Satanás tenha conseguido silenciar, é dirigida a pergunta: ‘O que você está fazendo aqui? Comissionei você para que fosse a todo o mundo e pregasse o evangelho, a fim de que o povo fosse preparado para o Dia de Deus. Por que você está aqui? Quem o mandou?’”⁸

Independentemente dos muitos e legítimos fatores que podem levar o pastor ao desânimo, permanece uma missão, assim como aconteceu com a igreja que enfrentou o amargo desapontamento (Ap 10:11). O imperativo é duplo: “Vai, volta ao teu caminho” (1Rs 19:15). Mas o que exatamente Elias precisava fazer?

Algumas atividades eram imprescindíveis. Primeiro, ele precisava recomeçar e continuar trilhando a senda do chamado. O monte Horebe precisava ficar para trás, e Elias, como alguém que esteve na presença de Deus, precisava descer, pois havia trabalho a ser feito ao pé do monte. Não é por acaso que Elias aparece na transfiguração, onde os discípulos desejavam permanecer no monte, apesar das necessidades missionárias que existiam lá embaixo (Mt 17:2-4, 14-21).

Segundo, Deus ordena que Elias unja Hazael e Jeú, reis da Síria e Israel (1Rs 19:15, 16). De certo modo, o futuro desses povos passava pelas mãos de Elias. Sua missão, portanto, deveria ir além das fronteiras de Israel. Em certo sentido, o destino das nações hoje depende de como respondem à mensagem

proclamada por pastores e pela igreja em todo o mundo antes do segundo advento de Cristo (Ap 14:6-12).

Em terceiro lugar, o recomeço de Elias envolvia a ordem de ungir “Eliseu, filho de Safate, como profeta em seu lugar” (v. 16). Observa-se hoje uma saída em massa de pastores, que deixam as fileiras ministeriais por motivos que vão desde problemas morais até desafios emocionais. Muitas vezes, a isso se somam a incompreensão da igreja, a solidão pessoal e profissional e a falta de apoio, suporte e motivação organizacional. No entanto, apesar dessas dificuldades, o imperativo do ministério permanece: prosseguir, pregar, formar líderes e, acima de tudo, gerar sucessores.

Se Elias tivesse permanecido na caverna, qual teria sido a relevância de todo o seu trabalho? Nenhuma. Ele precisava discipular outros para garantir a continuidade de sua obra. Querido pastor, somente a eternidade revelará a grandeza da sua obra.

Conclusão

Ellen White escreveu: “Alguns têm se sentido tentados a se retirar da Obra, a fim de trabalhar por sua própria conta. Vi que se a mão de Deus fosse retirada deles, e ficassem sujeitos à enfermidade e à morte, saberiam então o que são dificuldades. Murmurar contra Deus é algo terrível. Eles não têm em mente que o caminho que trilham é áspero, cheio de abnegação e de crucificação do eu, e não deveriam esperar que tudo corresse tão suavemente como se estivessem andando no caminho largo.”⁹

Você tem se sentido tentado a abandonar o chamado de Deus? Então, precisa recomeçar, pois ainda há uma longa “viagem” pela frente (1Rs 19:7). A despeito de suas fragilidades e medos, que se assemelham aos nossos (Tg 5:17), o fim do caminho de Elias foi glorioso (2Rs 2:10, 11). A trasladação, como expressão da vitória final, é o alvo supremo de cada pastor e deve servir de esperança e consolo nas horas de luta e desânimo (1Ts 4:16-18).

Você não está sozinho. Apesar dos momentos frequentes de desânimo, podemos ter a certeza de que “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8:18). ■

Referências

- ¹ Gene Getz, *Elias: Um Modelo de fé e Coragem* (São Paulo: Mundo Cristão, 2003), p. 158-193.
- ² Roy B. Zuck (org.), *A Biblical Theology of the Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1991), p. 134.
- ³ Para Mario Pereyra e Enrique Espinosa, há muitos paralelos entre Moisés e Elias: (1) padeceram a aprendizagem no deserto; (2) sofreram a força da solidão; (3) foram intercessores do povo; (4) através deles, Deus mostrou Seu poder em forma excepcional e prodigiosa; (5) cada praga trazida por Moisés mostrava a falta de poder de algum deus do panteão egípcio e revelava o poder de Deus; por sua vez, Elias usou a mesma estratégia: a seca de três anos e meio atacava o reino de Baal, o deus da chuva, e de Astarte, a deusa da primavera; (6) ambos se encontram com Deus no mesmo lugar, recebendo a mensagem de uma nova missão (ver *La Posmodernidad Desde La Perspectiva Profética* [Libertador San Martín, Entre Rios: Bienestar Psicológico Editorial, 2000], p. 186).
- ⁴ Gary Smalley, *O Amor que Permanece Para Sempre* (Campinas, SP: United Press, 1998), p. 62.
- ⁵ Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 94.
- ⁶ White, *Profetas e Reis*, p. 93.
- ⁷ Alberto Timm em *Semana Teológica na Unasp em 2024* ao falar sobre o tema do grande conflito como um dos temas principais da teologia adventista.
- ⁸ White, *Profetas e Reis*, p. 100.
- ⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 1, p. 121.



PLANTIO DE IGREJAS

Estratégia missionária para o crescimento do Reino



Quando se fala em evangelismo, geralmente vêm à mente campanhas missionárias, duplas de discipulado, estudos bíblicos, feiras de saúde, classes bíblicas, reuniões para interessados e outras iniciativas. No entanto, a ideia de plantar igrejas como método de evangelização nem sempre surge de imediato. Costuma ser vista como um desafio específico: o de iniciar uma obra pioneira em um lugar novo.

Essa percepção está tão enraizada que o plantio de igrejas passa a ser entendido como uma meta distante e complexa, pouco associada ao trabalho evangelístico em si. Acostumados a buscar resultados rápidos, tendemos a considerá-lo grande demais para ser adotado como um método regular.

Nesse contexto, é comum surgirem pensamentos como: “Plantar uma igreja? Vou precisar de espaço, terreno, construção, dinheiro, pessoas... não será nada confortável; não quero uma campanha longa; o lugar é difícil; não há permissões urbanas...” e assim por diante. Por isso, muitas vezes o plantio de igrejas acaba sendo tratado de forma seletiva.

Mas, e se o enxergássemos de outra maneira? E se o compreendêssemos como parte do cotidiano da igreja, um estilo de vida permanente da comunidade local? É claro que o processo varia conforme o contexto: em alguns lugares pode ser mais rápido, em outros, mais demorado. Isso, porém, não significa que a abertura de novas igrejas deva ocorrer apenas em determinados ciclos de anos.

Podemos cultivar um ministério contínuo de plantio que, mesmo quando os frutos demorem a aparecer, mantenha a comunidade firmemente comprometida com esse propósito, fazendo dele parte essencial de sua missão e identidade.

Ações para o plantio

Participar de uma igreja já estruturada é confortável: podemos adorar a Deus na tranquilidade de um templo bem organizado, com ministérios atuantes e programas bem

conduzidos. No entanto, o Senhor muitas vezes nos desafia a sair dessa zona de conforto, convidando-nos a colaborar na expansão do evangelho em lugares nos quais ainda não existe uma comunidade estabelecida.

O primeiro passo para ter uma igreja multiplicadora é compreender a natureza dessa obra. O plantio de igrejas faz parte da missão confiada pelo Senhor em Sua Palavra. O apóstolo Paulo escreveu: “Esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já foi anunciado, para não edificar sobre alicerces alheio. Pelo contrário, como está escrito: ‘Aqueles que não tiveram notícia dele o verão, e os que nada tinham ouvido a respeito dele o entenderão’” (Rm 15:20, 21).

Estabelecer igrejas em novos lugares é uma obra divina. Para realizá-la, não é necessário que as pessoas “venham até nós”; somos nós que devemos ir até elas – ou “ser enviados”, como diria Paulo (Rm 10:14, 15). Talvez nunca tenhamos a oportunidade de evangelizar em outro continente ou país, mas podemos nos dispor a alcançar um bairro, uma comunidade ou um setor próximo, onde ainda não há uma igreja plantada. Para isso, é necessária a mesma coragem pioneira de quem parte para uma missão além-mar.

Muitos ainda precisam percorrer longas distâncias para chegar a uma igreja. Por que continuar assim? É muito melhor resolver o problema pela raiz: plantar uma igreja perto de casa. Exceto se você morar ao lado de uma igreja adventista, sempre será possível dizer: “Posso ter uma igreja adventista mais perto de mim.” Isso fortalece a expansão do Reino e multiplica oportunidades de serviço.

Em várias localidades, existem igrejas já consolidadas – às vezes até superlotadas – em que é difícil imaginar como novos conversos poderiam se acomodar, pois o espaço está esgotado. Esse desafio se intensifica quando a congregação conta com um número excessivo de líderes. Frequentemente, Deus poderia fazer muito mais com esses líderes capacitados, mas pouco aproveitados.

Então, por que não assumir uma missão em um outro bairro? É muito melhor ter irmãos engajados em boas obras, mesmo que precisem colaborar em um lugar mais distante de suas igrejas, para plantar uma nova congregação. É preferível que participem de uma obra pioneira a permanecerem com pouca ou nenhuma participação em suas congregações devido à sobreposição de liderança.

O maior desafio é que os líderes se desapeguem do “egoísmo eclesial” – aquele sussurro interior que diz: “não perca os bons irmãos”, “eles são talentosos”, “quem poderá substituir o fulano se ele se for?” Isso não representa apenas falta de fé na obra missionária da igreja, mas também descrença na providência divina.

Em algum momento, talvez você precisará dizer a um jovem talentoso: “Você deve estudar Teologia; seu lugar é servir como pastor na obra de Deus.” Tomar essa decisão dói, pois significa perder alguém útil. Mas a obra de Deus não se limita à igreja local; ela se estende ao bairro, ao distrito, à região, ao país e até ao mundo inteiro. E isso não pode acontecer sem o estabelecimento de ações pioneiras.



Às vezes, precisamos deixar de pensar “localmente” para enxergar a obra como Deus a vê: não se trata apenas da salvação do nosso bairro, mas da salvação de todos, para além das fronteiras da nossa visão e do nosso conforto. A igreja e sua liderança devem confiar que, mesmo ao “despedir-se” de pessoas para participarem de uma obra pioneira, essa é justamente a obra de Deus. É fundamental que essa convicção esteja firmemente presente na liderança, se quisermos que o plano alcance êxito.

Unidades da Escola Sabatina e Pequenos Grupos

Às vezes, queremos “reinventar a roda” em cada campanha de plantio de igrejas, criando sempre alguma estratégia nova. Embora não haja problema em buscar ideias inovadoras, não podemos esquecer que as estratégias bíblicas já são eficazes e abençoadas justamente por isso: por serem bíblicas!

Nas Escrituras, as narrativas missionárias do livro de Atos poderiam ser chamadas de “o evangelho das casas”. Ali os cristãos se reuniam (At 8:3; ver também Rm 16:3-5; 1Co 16:19), anunciavam o evangelho (At 5:42) e mantinham um ministério de oração (At 12:11-13). O ambiente familiar e acolhedor favorecia a comunhão, fortalecia os vínculos entre os crentes e permitia que a mensagem de Cristo chegasse de forma prática e transformadora às pessoas.

Assim como nos tempos bíblicos alguém precisava dizer “eu coloco minha casa à disposição”, hoje não é diferente – e o efeito continua sendo o mesmo. Abrir o lar para o trabalho missionário ou para pequenos grupos é um ato de fé, confiança e compromisso com a expansão do Reino. Mais do que uma estratégia, é um estilo de vida que torna a igreja presente na vida das pessoas.

Em nossas congregações, já temos pequenas comunidades: as classes da Escola Sabatina. Muitas delas já se reúnem nas casas durante a semana em encontros de pequenos grupos. Mas o que aconteceria se também se reunissem aos sábados, em um lugar fixo, de preferência em um bairro onde a maioria dos participantes reside? Poderiam se tornar filiais da Escola Sabatina e até mesmo dar origem a uma nova igreja. Inicialmente, não seria necessário um terreno próprio; o que importa é a disposição para começar a obra.

É claro que essa iniciativa deve ser realizada em coordenação com o pastor e com o apoio da direção

da igreja. A comissão precisa estar ciente, apoiar e incentivar o surgimento de uma nova filial da Escola Sabatina fora do templo, enxergando-a como uma potencial nova igreja e, inclusive, oferecendo recursos financeiros para que a obra pioneira seja viabilizada. O mais importante, no entanto, é que a filial comece – seja na casa de alguém ou em um espaço alugado.

Essa proposta também deve ser apresentada à congregação. Pode-se, inclusive, fazer um chamado para que membros interessados apoiem temporariamente o plano, ao lado do núcleo permanente que será estabelecido ali. Esse apoio inicial é fundamental. A partir dele, outras estratégias podem ser incorporadas: campanhas médicas, evangelismo pessoal e público, centros de influência, estudos bíblicos, trabalho em duplas missionárias, entre tantas outras.

A respeito dessa obra, Ellen White escreveu: “Grupos de observadores do sábado podem ser constituídos em muitos lugares. Muitas vezes não são grandes, mas não devem ser negligenciados nem deixados a morrer por falta de preparo e adequado esforço pessoal. O trabalho não deve ser deixado prematuramente. [...] Na Escola Sabatina, há também muito a ser feito no sentido de levar o povo a compreender seu dever e a desempenhar sua parte. Deus os chama para Seu trabalho, e os pastores devem guiar-lhes os esforços.”¹

Familiaridade, evangelismo e intencionalidade

Nas reuniões nas casas, a igreja apostólica se reunia com grande alegria, pois havia algo que agradava a todos: a comida (At 2:46). Em sua filial da Escola Sabatina, busque oferecer um ambiente de familiaridade, que une e fortalece o grupo. Compartilhar refeições não é apenas um momento de convívio, mas pode se tornar uma estratégia missionária: aproxima rapidamente as pessoas, gera alegria, cria senso de pertencimento e envolve, de forma natural e gradual, aqueles que ainda não foram batizados.

A isso se soma a visitação da comunidade de fé, que, mesmo pequena no início, nasce unida e motivada. Paralelamente, os estudos bíblicos e o evangelismo intencional, realizado por meio da amizade com os vizinhos e contatos próximos, são fundamentais. Essa intencionalidade no evangelismo é um pilar indispensável, que exige dedicação, apoio e concentração de esforços, mas cuja recompensa é profundamente gratificante.

Quando o grupo se firma nessa visão, os benefícios logo se tornam evidentes. Como afirma Ed Stetzer, uma das razões pelas quais o plantio de igrejas é, em si mesmo, uma estratégia evangelística, é que “as igrejas novas são mais eficazes que as grandes, especialmente na evangelização” e “ganham mais pessoas para Cristo do que as igrejas estabelecidas”.²

O terreno e o local de um futuro templo são bênçãos que virão no tempo certo. Existem muitas histórias, frequentemente milagrosas, de como Deus tem prosperado essa obra. É importante lembrar que a igreja é composta por pessoas, não por tijolos. Cristo virá buscar vidas, não bancos ou paredes. Por isso, o mais essencial no início é contar com pessoas dispostas.

A situação do local de reunião ou templo pode variar em cada contexto e, se não houver um lugar previamente adquirido, como ocorre em algumas situações, uma casa sempre será um ponto de partida válido. O restante virá pela provisão de Deus.

Não podemos esquecer nem a ousadia de Paulo ao plantar igrejas (At 14:21-23; 16:9, 10; Rm 15:20), nem sua firmeza de caráter ao liderá-las (1Ts 2:2; At 20:31; Gl 1:8, 9). A obra de Deus não pode avançar sem o estabelecimento de novas igrejas, e essa é uma responsabilidade eclesial que envolve tanto a congregação quanto cada membro.

Conclusão

O crescimento da igreja é, em última análise, um milagre. Como disse Paulo: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3:6). Esse crescimento não é apenas numérico; ele se manifesta plenamente em todos os aspectos que constituem uma igreja. A bênção está disponível, aguardando protagonistas dispostos a experimentá-la.

Nessa obra, a determinação dos líderes da igreja é fundamental. Plantar igrejas deve ser um estilo de vida, uma estratégia e uma tarefa que permaneçam constantemente no pensamento missionário da igreja local, sempre levando em conta as possibilidades estratégicas e a missão que precisa ser cumprida.

A igreja de Cristo não deve esperar pelo retorno de seu Senhor em declínio, mas em crescimento, cumprindo sua missão (Mt 28:19, 20). Você aceita esse chamado? ■

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 110.
- ² Ed Stetzer, *Planting Missional Churches* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2006), p. 7, 8.



Eduardo Lopes
diretor de RH na AdventHealth,
nos Estados Unidos



Milton Andrade
editor da revista
Ministério



PLANO DE AÇÃO

A importância do planejamento estratégico para o cumprimento da missão



Em 1911, duas expedições partiram rumo ao Polo Sul. A primeira, liderada pelo norueguês Roald Amundsen, destacou-se pelo planejamento cuidadoso. Ele mapeou a rota, estudou os métodos de viajantes experientes do Ártico e decidiu utilizar trenós puxados por cães. Com uma equipe formada por esquiadores habilidosos e especialistas em navegação, Amundsen organizou a jornada para percorrer de 24 a 32 quilômetros em seis horas diárias, garantindo descanso adequado a homens e animais. Graças a essa preparação minuciosa, sua expedição alcançou o Polo Sul com sucesso, pela primeira vez na história, em 14 de dezembro de 1911.

Já a expedição liderada por Robert Scott teve graves falhas de planejamento. Ele optou por trenós motorizados e pôneis, que logo se mostraram inadequados para as condições extremas. A má distribuição dos suprimentos e o uso de roupas impróprias tornaram a viagem ainda mais difícil. O grupo, exausto, chegou ao Polo Sul apenas para descobrir que Amundsen já havia fincado a bandeira norueguesa. O retorno foi ainda mais trágico: desnutrição, doenças e a falta de uma liderança eficaz resultaram na morte de Scott e parte de sua equipe.¹

Essas duas histórias mostram que um planejamento cuidadoso faz toda a diferença. Ele permite definir rumos, organizar recursos, antecipar desafios e conduzir uma equipe rumo ao sucesso. Planejar não é apenas traçar estratégias: é assumir responsabilidade e criar previsibilidade – muitas vezes, é isso que separa o êxito do fracasso. Esse princípio é especialmente válido no ministério pastoral.

Deus de planos

Desde a criação do mundo até o plano perfeito da salvação, tudo o que Deus faz possui lógica, propósito e intenção – sempre no tempo certo (Sl 33:11; Ef 1:9-11; 1Co 14:40). Não existe acaso na forma como Ele conduz a história, mas sim uma ordem que revela Seu amor e cuidado. Ellen White escreveu: “Como as estrelas no vasto circuito de sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiantamento nem tardança.”² Esse princípio nos mostra que o planejamento não é apenas uma ferramenta de gestores empresariais, mas um reflexo da própria natureza divina, que deve ser incorporada em nossas ações.

Planejar é transformar visão em realidade. É criar pontes entre o sonho e a ação, entre a teoria e a prática. Viver sem direção clara é desperdiçar oportunidades, deixar que a vida seja guiada apenas pelas circunstâncias. O planejamento

estratégico nos ajuda a alinhar atividades, organizar prioridades e avançar com clareza em meio aos desafios do presente. Ele não é um fardo burocrático, mas um instrumento para dar sentido, foco e propósito ao nosso ministério.

Infelizmente, pesquisas mostram que menos de 3% da população têm metas claras, pessoais e profissionais. Isso não pode acontecer com um pastor! Bill Byrne escreveu: “Não se pode atingir um alvo que não se vê, nem ver um alvo que não se tem.”³ Por isso, no início deste ano, é preciso perguntar: “Onde quero chegar? Quais são os custos, os objetivos e as possíveis armadilhas no caminho? Que processos e ferramentas devo usar? Que metas preciso compartilhar e delegar?” Pensar, refletir e traçar planos não é opcional: é essencial. Afinal, quem falha em planejar, planeja falhar.

Jesus disse: “Pois qual de vocês, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir?” (Lc 14:28). Para o Criador do Universo, o planejamento é um aspecto indispensável na elaboração de qualquer projeto. O *Comentário Bíblico Adventista* acrescenta: “Não há sentido em iniciar algo que não se possa concluir. Tal projeto absorve tempo e energia sem produzir recompensas equivalentes.”⁴

No livro *O Líder 360º*, John Maxwell conta a estratégia do general aposentado Tommy Franks para vencer desafios: “Todos os dias de sua carreira, desde 23 de fevereiro de 1988, ele começava o trabalho planejando o dia. [...] Franks contou: ‘Todas as manhãs, [...] eu anotava os ‘Desafios e Oportunidades’ que poderiam surgir naquele dia. Depois de mais de cinco mil cartões, ainda faço isso. O cartão em si não é importante, mas sim preparar-me para cada dia.’”⁵

Assim como o general Franks, devemos planejar nossas ações a curto, médio e longo prazo. Afinal, também estamos em “guerra”!

Para que planejar?

Para um pastor, o planejamento é parte fundamental da missão: significa preparar caminhos para atender às necessidades reais das pessoas, oferecendo esperança e transformação. Para que isso aconteça, é preciso agir com intencionalidade, valorizando cada recurso e oportunidade, reconhecendo que tempo e energia devem ser investidos com excelência no cumprimento da Grande Comissão. Ellen White escreveu: “Precisam exercitar a mente em planejar como utilizar o tempo para alcançar os melhores resultados.”⁶

Entretanto, o planejamento deve caminhar lado a lado com a fé. Uma coisa não exclui a outra: fé não é sinônimo de desordem nem substituto de um planejamento cuidadoso.

Os soldados da Independência dos Estados Unidos costumavam dizer: “Confie em Deus, porém mantenha seca a sua pólvora.”⁷ Ellen White reforça essa ideia: “Há necessidade de pessoas que orem a Deus pedindo sabedoria e que, sob a orientação de Deus, possam pôr nova vida nos antigos métodos de trabalho.”⁸ Não é esse um excelente ponto de partida para nosso ministério neste novo ano? Que o Senhor nos ajude a trazer vida, propósito e “pólvora” às nossas estratégias e nossos projetos!

Planejar também é um ato de cooperação, que exige dependência de Deus e disposição para ouvir outros. A Bíblia afirma: “Os planos são estabelecidos mediante os conselhos” (Pv 20:18). Portanto, devemos agir unidos, seguindo, em primeiro lugar, os planos de Deus para Sua igreja. Por outro lado, planejar é também um ato de responsabilidade pessoal, pois, como advertiu Ellen White, “homens que se satisfazem em deixar outros planejarem e raciocinarem em seu lugar não se acham plenamente amadurecidos. [...] Deus Se envergonha de soldados assim.”⁹ O planejamento nos convida a assumir nosso papel na Obra, sem transferir para outros o que Deus confiou às nossas mãos.

Quando bem conduzido, o planejamento estratégico abre espaço para inovação e crescimento. Ellen White escreveu: “Novos métodos precisam ser introduzidos. O povo de Deus tem que despertar para as necessidades da época em que vive.”¹⁰ É por meio de estratégias claras que a igreja alcança diferentes contextos: “Alguns podem ser colocados a trabalhar ‘junto às cercas entre as videiras’ (Lc 14:23, NVT), e assim, mediante sábio planejamento, a verdade pode ser pregada em todos os lugares.”¹¹ Para isso, necessitamos de líderes com visão ampla e coração missionário. O planejamento é, portanto, uma chave para que a missão avance com criatividade, eficácia e unidade.

Outro ponto essencial: quem planeja, ganha tempo e evita desgaste. Charles C. Gibbons afirmou: “Uma das melhores maneiras para economizar tempo é pensar e planejar antes; cinco minutos de raciocínio muitas vezes podem poupar uma hora de trabalho.”¹² Quando sabemos onde queremos chegar, nossas energias são aplicadas com foco e, conseqüentemente, cuidamos de nossa saúde física e mental. Ellen White enfatizou: “Devo apelar aos obreiros para que tenham suas atividades planejadas de maneira que não fiquem exaustos pelo excesso de trabalho.”¹³ O planejamento evita que o zelo se transforme em esgotamento.

Vale lembrar que o planejamento estratégico não é apenas para grandes obras ou projetos ambiciosos. A fidelidade começa nos pequenos deveres, nos gestos diários que parecem simples, mas que, acumulados, constroem grandes resultados. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a diversidade: “Na obra de salvar pessoas, o Senhor reúne obreiros que têm planos e ideias diferentes, bem como métodos variados de trabalho,”¹⁴ lembrando que as “diferentes pessoas não podem ser tratadas de igual maneira.”¹⁵

Planejar, portanto, é mais do que organizar tarefas: é alinhar-se ao caráter de Deus. É viver com propósito, promover a harmonia e se entregar totalmente ao serviço. O apóstolo Paulo expressou essa convicção em 2 Coríntios 12:15: “Assim, de boa vontade gastarei tudo o que tenho e também

me desgastarei pessoalmente.” Esse é o coração do planejamento estratégico cristão: dedicar tempo, talento e energia para que a missão de Deus avance com ordem, cooperação e amor.

Disposição para agir

Tão essencial quanto planejar é agir. Depois de estabelecer planos e metas, o pastor precisa fechar a agenda, deixar o escritório e ir ao campo, para estar entre suas ovelhas. O teólogo Jorge Barro escreveu: “O modelo de igreja que prevalece em nossos dias é mais o gerencial do que o relacional. O pastor está mais para o gerente de uma empresa do que para o mentor de vidas. [...] Um tremendo engano! Para ser pastor são necessários alguns requisitos e um deles, inegociável, é o cuidado das ovelhas.”¹⁶

Nessa jornada rumo ao Céu, não podemos perder de vista que o objetivo do nosso planejamento é estar com as pessoas, alimentá-las com a Palavra, alcançar os filhos de Deus que ainda estão pelo caminho, produzir frutos para o reino de Deus e ver o crescimento espiritual dos nossos membros. As metas são importantes, sim, mas desde que sejam dirigidas pelo Espírito de Deus e permeadas do amor genuíno. ■

Referências

- 1 John Maxwell, *As 21 Irrefutáveis Leis da Liderança* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007), versão Kindle.
- 2 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 20.
- 3 Bill Byrne, *Habits of Wealth* (Sioux Falls, SD: Performance One Pub, 1992), p. 211.
- 4 Francis D. Nichol (org.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 5, p. 895.
- 5 John C. Maxwell, *O Líder 360º* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007), versão Kindle.
- 6 Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), v. 1, p. 12.
- 7 Charles R. Swindoll, *Liderança em Tempos de Crise* (São Paulo: Mundo Cristão, 2004), p. 42.
- 8 Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 67.
- 9 White, *Mente, Caráter e Personalidade*, p. 194.
- 10 Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 50.
- 11 Ellen G. White, *Medicina e Salvação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 278, 279.
- 12 Citado por Maxwell, *O Líder 360º*, versão Kindle.
- 13 White, *Evangelismo*, p. 68.
- 14 Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 387.
- 15 Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 271.
- 16 Jorge H. Barro, *Pastores Livres* (Londrina, PR: Descoberta Editora, 2013), p. 97.



f @ X v /cpbeditora
CPB.COM.BR



Acesse e conheça
nossas 20 livrarias



MKT CPB / Adobe Stock / IA

PARA CRESCER EM FAMÍLIA,
PARA CRESCER COM DEUS

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

BAIXE O APP
CPB LOJA





Josué Gajardo

doutorando em Teologia pela
Universidade Adventista do
Prata, Argentina



JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E **JUÍZO PELAS OBRAS**

Entendendo a mensagem bíblica da salvação

A Reforma Protestante, impulsionada por Martinho Lutero, afirmava, com base nas Escrituras, que a salvação é recebida somente pela fé, sem a intervenção de obras humanas. Nas palavras do reformador: “A verdade do evangelho é que nossa justiça vem apenas pela fé, sem as obras da lei!”. Para Lutero, a salvação é um dom concedido unicamente pela graça de Deus (*sola gratia*), recebida mediante a fé no sacrifício de Cristo (*sola fide*). O ser humano, portanto, é declarado justo diante de Deus pela obra de Jesus, sem que haja qualquer mérito no pecador. Essa compreensão foi, para Lutero, a chave que deu origem à Reforma Protestante. Consequentemente, toda a sua teologia girava em torno da ideia de que as obras humanas não são necessárias para receber o dom da salvação.²

A história mostra que as igrejas protestantes seguiram os passos do reformador ao enfatizar a justificação pela fé como um evento na vida do pecador que não requer a intervenção de obras humanas, mas apenas a fé em Jesus.³ Em contrapartida, a Igreja Católica, por meio da Contrarreforma, sustentou que, além da fé no sacrifício de Cristo, a salvação também requer as obras humanas, sendo resultado de uma combinação entre graça e méritos.⁴ Essa divergência teológica gerou tensões que perduraram por séculos, sem que houvesse um diálogo sistemático capaz de resolver as diferenças doutrinárias.

Somente em 31 de outubro de 1999, por meio da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, assinada por católicos e luteranos, buscou-se estabelecer um marco teológico comum para superar décadas de controvérsias. Esse documento pretendia resolver a problemática em torno da Reforma iniciada por Lutero. Nele, reconhecia-se que católicos e luteranos deixavam para trás antigas disputas teológicas e buscavam construir uma visão ecumênica compartilhada sobre a justificação pela fé, abrindo caminho para novos estudos sobre o tema da salvação.⁵

Entretanto, o desenvolvimento desse diálogo não ocorreu da melhor maneira. Alguns luteranos e protestantes discordaram da iniciativa, argumentando que o tema da justificação pela fé era a pedra angular da Reforma e exigia um estudo mais profundo antes de qualquer decisão tão significativa. Naquele mesmo ano, o presidente da Igreja Luterana – Sínodo do Missouri chegou a dizer que a Declaração Conjunta era “lamentavelmente inadequada e enganosa e, o mais triste de tudo, uma traição ao evangelho de Jesus Cristo”.⁶

Por outro lado, no campo acadêmico protestante, o debate sobre a teologia paulina da salvação foi retomado por estudiosos como E. P. Sanders (1977)⁷, James D. G. Dunn (2008)⁸ e N. T. Wright (2009)⁹. Esses autores não apenas questionaram a formulação reformada da doutrina da justificação pela fé, mas também apresentaram novos elementos para compreender o pensamento de Paulo à luz do contexto judaico do primeiro século. Esse movimento, conhecido como “Nova Perspectiva sobre Paulo”, buscou interpretar, a partir do judaísmo do Segundo Templo, o conceito de salvação e situar a teologia paulina em seu contexto histórico e social, no qual o apóstolo desenvolveu sua compreensão do sacrifício de Cristo – um debate que permanece vivo até hoje nos meios acadêmicos.

No adventismo

Dentro do adventismo, a doutrina da justificação pela fé começou a ser sistematizada em 1888, quando Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner apresentaram uma exposição sobre o tema na Assembleia da Associação Geral de Minneapolis. Seu ensino ofereceu à Igreja Adventista do Sétimo Dia uma nova perspectiva, centrada na justiça de Cristo em favor do pecador mediante a fé, e não em uma abordagem legalista baseada nas obras humanas.¹⁰

Após a Assembleia de 1888, Ellen White escreveu: “A luz que me foi dada por Deus coloca esse importante assunto [justificação pela fé] acima de qualquer dúvida em minha mente”.¹¹ Mesmo assim, ainda persistem em nosso meio questionamentos sobre a relação entre fé, obras e juízo. Por exemplo, na doutrina dos reformadores não existia o conceito de juízo investigativo, o que levanta a pergunta: Como conciliar a salvação pela fé com a existência de um juízo baseado nas obras?

Em 1976, um grupo de líderes adventistas abordou essa questão da seguinte forma: “Embora sejamos justificados pelos méritos do sangue de Cristo e por meio do instrumento da fé, também é verdade que as obras de obediência amorosa são a evidência de uma fé que salva. No juízo final, nossas obras de fé e de amor dão testemunho da realidade da fé justificadora e da nossa união com Cristo; no entanto, continuamos sendo salvos pela justificação através de Cristo, sem qualquer obra da lei, ou seja, sem obras que tenham mérito algum.”¹²

Essa afirmação não é estranha ao pensamento paulino. De fato, Paulo, em sua segunda carta aos Coríntios, refere-se a um juízo baseado nas obras ao afirmar que “todos devemos comparecer diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por

meio do corpo, seja bem ou mal” (2Co 5:10). Essa mesma ideia aparece também na carta aos Romanos, que declara que “todos havemos de comparecer diante do tribunal de Cristo”, pois “cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus” (Rm 14:10-12).

Em outros textos, o apóstolo afirma que as obras não são necessárias para obter a salvação (por exemplo, Ef 2:8, 9; Gl 2:16). Ainda assim, apesar dessa declaração, ele mantém que todos compareceremos diante do tribunal de Cristo, no qual nossas obras serão avaliadas.

Declarações semelhantes também se encontram nos escritos de Ellen White, que afirmou: “Todos os que já professaram o nome de Cristo serão submetidos àquele exame minucioso. Tanto os vivos quanto os mortos devem ser julgados, segundo as suas obras, conforme o que [se encontra] escrito nos livros.”¹³

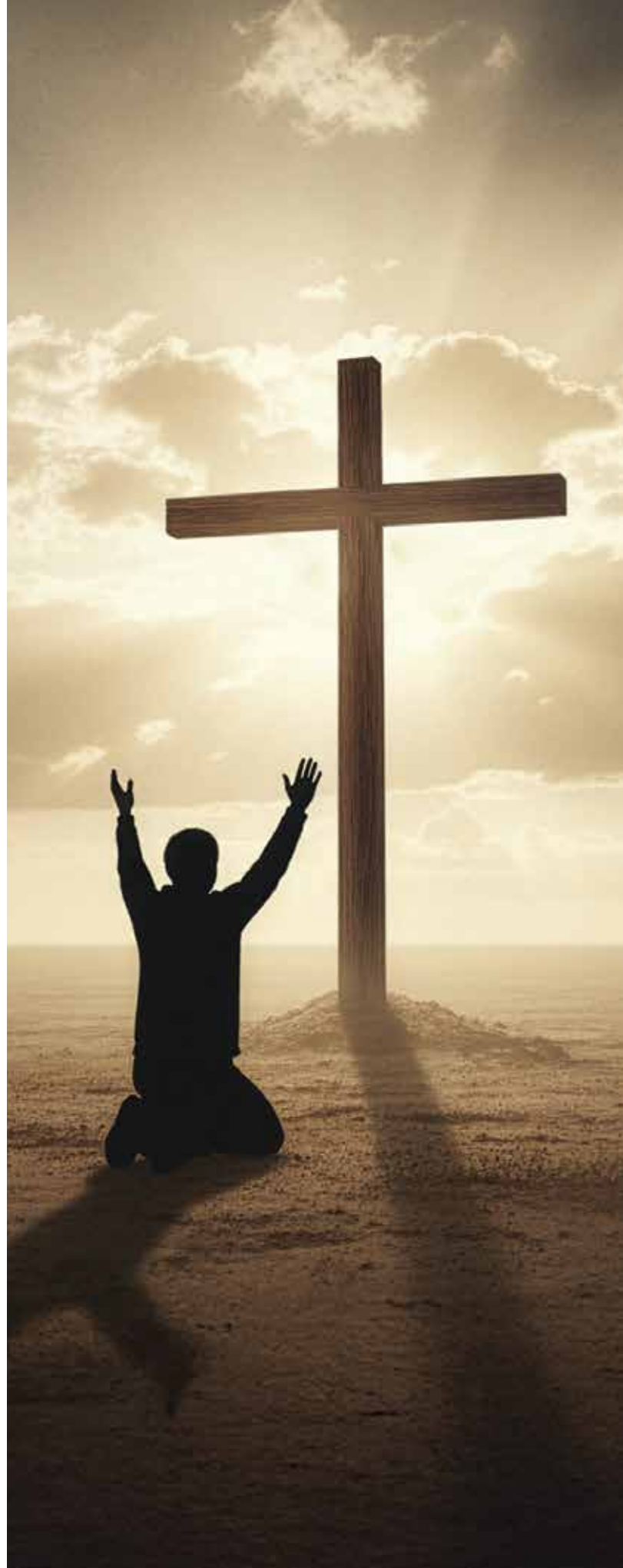
Mesmo assim, surge a pergunta: No contexto religioso do judaísmo, já existia uma noção de juízo baseado nas obras? E mais: Será que, para Paulo, essa ideia provinha de seu próprio pano de fundo judaico?

O juízo pelas obras no judaísmo do Segundo Templo¹⁴

A noção de um juízo baseado nas obras não era estranha ao judaísmo do Segundo Templo; ao contrário, constituía parte essencial de seu pensamento religioso e escatológico. Essa ideia já se encontra em textos como a Mishná, que afirma: “Tudo é observado, e a liberdade é um dom concedido. O mundo será julgado com benevolência. Tudo será conforme a medida das ações. [...] O juízo é justo e tudo está preparado para o banquete” (Avot 3:15, 16).¹⁵ Aqui se percebe claramente uma concepção na qual as ações humanas serão avaliadas em função de seu mérito moral.

Essa mesma perspectiva é evidente nos escritos pseudoepigráficos, como o livro de 1 Enoque, no qual se afirma que “as ações dos homens são pesadas em balanças” (1 Enoque 41:2; 104:4-6), evocando a imagem de um juízo e de prestação de contas pelas obras. Do mesmo modo, em 4 Esdras encontra-se uma declaração semelhante: “Chega a hora em que a prova dos tempos será julgada sobre a Terra, e julgará todos os que agora vivem nela” (7:77), reforçando a ideia de um juízo universal baseado nas ações humanas.

Os documentos de Qumran também refletem essa visão. Textos como a Regra da Comunidade



(1QS 3:13–4:26), o Documento de Damasco (CD 2:5-13) e o Rolo da Guerra (1QM) evidenciam uma teologia em que as obras desempenham um papel determinante no juízo escatológico e na separação entre justos e ímpios.¹⁶

Como se observa, no contexto do judaísmo do Segundo Templo, a expectativa de um juízo pelas obras não era incomum, mas amplamente compartilhada, constituindo um receptáculo literário de uma construção complexa fundamentada no Antigo Testamento (por exemplo, Dn 7:9-14). É justamente essa noção que o apóstolo Paulo retoma e reformula: embora proclame a justificação pela fé, não deixa de afirmar que todos compareceremos diante do tribunal de Cristo, no qual nossas obras serão examinadas (2Co 5:10). Assim, Paulo adota essa visão do juízo, mas a enquadra em sua cristologia e em sua escatologia centrada em Cristo. Surge, então, a questão: Qual é o lugar da justificação pela fé no juízo?

A justificação pela fé e o juízo no pensamento paulino

A epístola aos Romanos enfatiza que a justificação pela fé não depende das obras humanas (Rm 3:20-22; 4:2-5), mas é obtida pela fé na justiça de Deus: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Rm 3:28). É interessante notar que a palavra traduzida como “concluímos” (*logizomai*) possui um sentido de cálculo – “processar, computar”,¹⁷ sendo, portanto, não uma conclusão exclusiva de Paulo, mas uma convicção compartilhada por todos os cristãos.

Na sequência, o apóstolo afirma que, a partir do ato de sermos declarados justos, ocorre uma transformação na relação do crente com Deus. Segundo Romanos 5:1, ao sermos justificados pela fé, “temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”, o que indica que antes da justificação havia inimizade entre o ser humano e Deus, inimizade essa removida pelo sacrifício de Cristo. Assim, a justiça de Deus se manifesta plenamente em Jesus Cristo, que realiza a reconciliação com aqueles que são justificados, de modo que “agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

Contudo, Paulo também declara que “cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus” (Rm 14:12), mostrando que, embora a justificação seja um ato gratuito e declarativo, há um juízo posterior no qual as obras dos crentes serão avaliadas. Essa tensão entre graça e responsabilidade moral mostra que, para Paulo, a salvação não se limita a uma declaração legal, mas envolve também uma experiência moral e transformadora. Consequentemente, a ideia

de um juízo com base nas obras não contradiz a justificação pela fé, mas a complementa (cf. Gl 6:7-9), pois as ações dos salvos refletem uma fé viva e servem como evidência de sua reconciliação com Deus.

Nesse sentido, a justificação não é apenas declarativa – ou seja, Deus reconhece o crente como justo mediante a justiça de Cristo –, mas também é comunicada e transformadora (cf. Ef 4:25-32). Ao receberem o perdão e serem reconciliados, os crentes são capacitados a manifestar boas obras, pois foram “criados em Cristo Jesus para boas obras” (Ef 2:10). Essas obras não são a causa da salvação, mas a expressão natural de uma vida justificada – evidências concretas de uma fé ativa que serão apresentadas no tribunal de Cristo.

Portanto, a justificação pela fé cumpre um duplo propósito: restaurar o relacionamento entre Deus e o ser humano e preparar o crente para uma vida transformada, caracterizada pela obediência e pelas boas obras. A fé em Cristo garante a reconciliação, enquanto as obras refletem a realidade dessa fé e servirão como evidência no tribunal de Cristo, demonstrando a coerência entre a graça recebida e a vida de santificação. ■

Referências

- 1 Martin Luther, *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians* (Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1939), p. 107.
- 2 Justo Gonzáles, *Historia del Cristianismo* (Miami: Editorial Caribe, 1994), v. 2, p. 22-38.
- 3 Kenneth Scott, *Historia del Cristianismo* (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1959), v. 2, p. 345-376.
- 4 Joseph Pohle, “Justification”, *The Catholic Encyclopedia* (New York: Robert Appleton Company, 1910), v. 8, disponível em: <link.cpb.com.br/4e2d19>, acesso em 5/11/2025.
- 5 Anneliese Meis, “El Problema de la Salvación y Sus Mediaciones, en el Contexto de la Declaración Conjunta Católico-Luterana Sobre la Doctrina de la Justificación”, *Teología y Vida* 42 (2001), p. 89-121.
- 6 David Cloud, “Liberal Lutherans and Roman Catholics Agree to Deny the Gospel”, *Publisher of Bible Study Materials* (2021), disponível em: <link.cpb.com.br/19de02>, acesso em 5/11/2025.
- 7 E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion* (Philadelphia: Fortress, 1977).
- 8 James D. G. Dunn, *The New Perspective on Paul* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008).
- 9 N. T. Wright, *Justification: God's Plan and Paul's Vision* (Downers Grove, IL: IVP, 2009).
- 10 “Todos pecaram e são culpados diante de Deus, e a única maneira de alguém escapar da condenação final é por meio da fé no sangue de Cristo” E. J. Waggoner, *The Gospel in the Book of Galatians: A Review* (Oakland, CA: 1888), p. 6.
- 11 Ellen G. White, *Fé e Obras* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 15.
- 12 *Review and Herald*, 27 de maio de 1976, p. 4, citado por Robert H. Pierson, “What is Righteousness by Faith?”, *Ministry* 2 (1977), p. 9.
- 13 Ellen G. White, *Maranata, o Senhor Logo Vem!* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 249.
- 14 O período do Segundo Templo deve servir como uma unidade “delimitada, de um lado, pelo chamado período do exílio e, de outro, por Yavne, o período entre as duas guerras contra Roma (66–70 e 132–135 d.C.” (Lester L. Grabbe, *A History of the Jew and Judaism in the Second Temple Period* [London: T&T Clark, 2004], p. 2).
- 15 Carlos del Valle (ed.), *La Misná* (Madrid: Editorial Trotta, 1981), p. 846.
- 16 Florentino G. Martínez, *The Dead Sea Scrolls Translated: The Qumran Texts in English* (Leiden, NL: Brill, 1994).
- 17 William Arndt, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 2000), p. 597.



Robert McIver e Neil Thompson
professores no Seminário da Universidade
Avondale, na Austrália

FORTALECENDO O PÚLPITO



Quais são os temas que costumam aparecer com mais frequência em seus sermões? Ao analisar o ministério de mais de 12 mil pastores adventistas ao redor do mundo, a pesquisa realizada pela Associação Geral em 2022 e 2023 (GAPS, na sigla em inglês) buscou identificar quais temas foram mais abordados – e quais receberam menos atenção – nas pregações realizadas nos 12 meses anteriores ao levantamento. Embora seja impossível tratar de todos os assuntos em um único ano, o estudo mostrou que alguns tópicos centrais da identidade adventista têm sido pouco pregados. Compreender essas tendências pode ajudar líderes e pastores a planejar melhor suas mensagens, garantindo equilíbrio, profundidade, solidez teológica e relevância no púlpito.

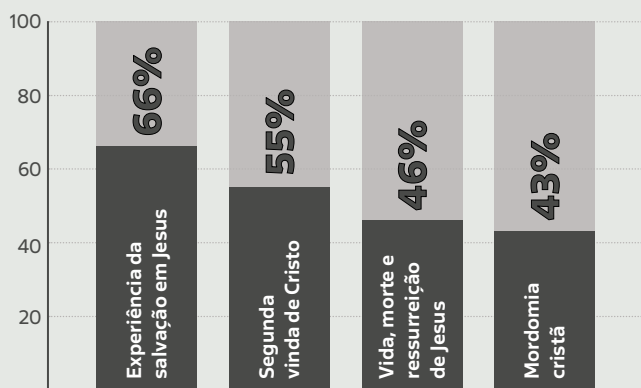


Gráfico 1: Percentual de pastores que pregaram sobre esses temas pelo menos cinco vezes no ano.

Temas mais pregados:

- *Experiência da salvação em Jesus* – 66% dos pastores pregaram sobre o tema cinco vezes ou mais no ano.
- *Segunda vinda de Cristo* – 55% abordaram o assunto com essa frequência.
- *Vida, morte e ressurreição de Jesus* – 46% pregaram cinco vezes ou mais.
- *Mordomia cristã* – 43% trataram do tema pelo menos cinco vezes.
- *Antigo Testamento (exceto Daniel)* – 40% pregaram sobre trechos desses livros.
- *Sábado* – 40% abordaram o tema cinco vezes ou mais.
- *Milagres e parábolas de Jesus* – 37% incluíram esses temas em pelo menos cinco sermões.
- *Inspiração e autoridade da Bíblia* – 37% pregaram sobre o assunto com essa frequência.
- *As três mensagens angélicas* – 35% pregaram cinco vezes ou mais.
- *Espírito Santo* – 33% falaram sobre Ele cinco vezes ou mais.
- *Cartas de Paulo* – 31% pregaram a partir desses textos com essa frequência.
- *Profecias de Daniel e Apocalipse* – 31% abordaram o tema cinco vezes ou mais.
- *Grande conflito* – 30% pregaram cinco vezes ou mais.

Equilíbrio e profundidade

- Sermões devem atender às necessidades de todas as faixas etárias.
- Devem ser culturalmente pertinentes e teologicamente fundamentados.
- Sermões bíblicos e centrados em Cristo fortalecem a identidade adventista e incentivam a missão.

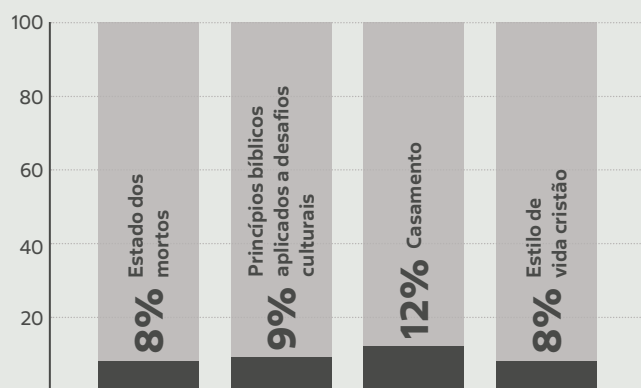


Gráfico 2: Proporção de pastores que não abordaram esses temas em suas pregações.

Temas menos pregados:

- *Estado dos mortos* – 8% dos pastores não pregaram sobre o tema.
- *Princípios bíblicos aplicados a desafios culturais* – 9% não abordaram o assunto.
- *Casamento* – 12% não pregaram a respeito.
- *Estilo de vida cristão* – 8% não trataram do assunto.
- *O remanescente* – 12% não pregaram sobre o tema.
- *Criação* – 9% não abordaram o tema.
- *Trindade* – 13% não pregaram sobre o assunto.
- *Santuário e 1844* – 16% não pregaram sobre esse tema.
- *Dom de profecia* – 14% não abordaram o assunto.
- *Mensagem de saúde* – 16% não pregaram sobre o tema.
- *A cultura e a Bíblia* – 19% não trataram do assunto.
- *Educação* – 25% não pregaram sobre esse tema.

Sugestão prática

- Elaborar um plano anual de sermões garante cobertura equilibrada e intencional de temas.
- Ferramentas digitais (planilhas, IA, entre outras ferramentas) podem auxiliar na elaboração do plano.
- A meta é oferecer uma “dieta espiritual” equilibrada.

Para refletir

Merece destaque o fato de 93% dos pastores adventistas terem abordado, em cada sermão, temas relacionados à salvação e à conversão. No entanto, isso não significa que não haja espaço para sermões sobre doutrina. É importante lembrar que a Igreja Adventista floresceu graças a pregações bíblicamente sólidas e cristocêntricas, nas quais os ensinamentos completos da igreja eram apresentados de forma significativa e contextualizada. Se o foco em nossas crenças fundamentais for perdido, a igreja corre o risco de perder também sua identidade e missão. ■



Ouse Viver a Palavra

Melody Mason
CPB, 2025, 320 p.

Como adorar a Deus? Como alinhar coração, corpo e mente às Escrituras para estarmos prontos para encontrar Jesus quando Ele vier? Como

amar mais o próximo? Para a autora, tudo começa na comunhão com o Senhor. O estudo da Bíblia, a prática da oração e o clamor pelo Espírito Santo são os meios pelos quais compreendemos Seu amor e propósito para nossa vida. Explorando as Escrituras em busca de princípios para servir melhor a Deus, ela ilustra cada descoberta com testemunhos pessoais e relatos de outras pessoas. Este livro nos conduz de volta à religião simples de Cristo – dedicada e comprometida com um ideal glorioso, sendo um convite para apreciar a beleza da Palavra de Deus e entender o que realmente significa amar e adorar a Palavra Viva, Aquele que nos criou e nos redimiu.



Theology of Flesh and Bones

Elias Brasil de Souza (org.)
BRI, 2025, versão Kindle

Este livro traça a jornada do corpo humano desde o pó do Éden até sua transformação final em glória. Não

se trata de uma teologia reservada aos estudiosos, pois fala de forma cuidadosa a qualquer pessoa que tenha perguntas sobre a compreensão bíblica do que significa ser humano, como nossos corpos são transformados por Deus, por que eles são essenciais para nossa existência e como podemos entender o corpo ressuscitado. Em um mundo que ora idolatra o corpo, ora tenta ignorá-lo, esta obra nos lembra de que nossos corpos foram feitos com extremo cuidado, embora sejam dolorosamente afetados pelo pecado. Redimidos e transformados por Cristo, nossos corpos têm um futuro maravilhoso, mais belo do que podemos imaginar.



Una Religión Radiante

Ellen G. White
Aces, 2025, 384 p.

Publicado originalmente em 1946, este foi o primeiro livro de leituras devocionais para todo o ano baseado em textos de Ellen White. Ele oferece uma revisão dos ensina-

mentos básicos da Bíblia, retratando uma religião vívida e positiva sob a perspectiva adventista. Por meio desse devocional atemporal, experimente essa jornada pelas Escrituras e rumo à alegria e à satisfação de uma vida totalmente submissa à influência de Cristo.



Sermão Expositivo

Jubal Gonçalves
Mundo Cristão, 2023, 96 p.

Ao tratar desse assunto vital para a igreja e para o mundo, o autor destaca a primazia da pregação expositiva, que está firmada sobre o tripé: leitura do texto, explicação do texto e aplicação do

texto. Com o objetivo de oferecer aos leitores uma referência acessível sobre o assunto, o autor revisita obras de grande envergadura, fazendo uma espécie de revisão de literatura acerca da pregação expositiva.



Pablo Ale
editor da *Ministério*,
edição da Aces



ANO NOVO, NOVOS DESAFIOS

Ao iniciarmos as atividades pastorais de 2026, é fundamental lembrar as quatro prioridades estratégicas da Igreja Adventista para a América do Sul e refletir sobre como elas se manifestam no ministério de dois grandes servos de Deus: Moisés e Josué.

1. *Identidade*: Antes de começar seu ministério, Moisés precisou compreender sua identidade como hebreu e como líder escolhido por Deus (Êx 2:11-15; 3:1-12). Apesar de suas inseguranças iniciais, ele respondeu ao chamado divino e compreendeu seu propósito. Josué, por sua vez, consolidou sua identidade como sucessor de Moisés, firmando-se nas promessas do Senhor (Js 1:1-9).

No início deste ano, lembre-se de quem você é, de onde veio e para que foi chamado por Deus. Mantenha viva a consciência da sua missão e não se distraia com nada. Afirme sua identidade na única fonte segura em meio a tantas vozes dissonantes: a Palavra de Deus.

2. *Liderança*: Moisés foi um exemplo notável de liderança eficaz, conduzindo o povo de Israel da escravidão no Egito até os limites da Terra Prometida. Além disso, exerceu uma liderança formadora, preparando Josué para dar continuidade à missão.

Entre os textos que ilustram essa mentoria espiritual, Deuteronômio 31:7 e 8 merece destaque. Permita-me adaptar a passagem para evidenciar suas lições práticas: “Seja forte e corajoso [faça a sua parte com dedicação e compromisso], porque, com este povo, você entrará na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a seus pais; e você os fará herdá-la [creia em seu chamado divino]. O Senhor é quem irá à sua frente [a obra não é sua, é de Deus]. Ele estará com você [antídoto contra a insegurança e a solidão], não o deixará [constância diária], nem o abandonará

[cuidado absoluto]. Não tenha medo, nem fique assustado [coragem e fé centradas em Deus].”

3. *Novas Gerações*: A transição de Moisés para Josué simbolizou a passagem de responsabilidade para uma nova geração. Esse processo nos ensina que não é sábio limitar as oportunidades dos mais jovens; igualmente, não é correto atribuir-lhes responsabilidades sem antes prepará-los, formá-los e acompanhá-los.

O sucessor imediato de Josué foi Otniel, um líder cheio do Espírito de Deus. No entanto, as gerações seguintes se afastaram dos princípios divinos que haviam guiado Moisés e Josué. O resultado foram as tristes histórias do livro de Juízes, nas quais os picos de glória vividos entre Êxodo e Josué deram lugar a profundas quedas morais e espirituais: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais certo” (Jz 21:25).

4. *Discipulado*: Moisés atuou como mentor de Josué, preparando-o para liderar a próxima geração. Josué aparece ao seu lado em vários momentos decisivos, aprendendo pela observação e pela instrução direta.

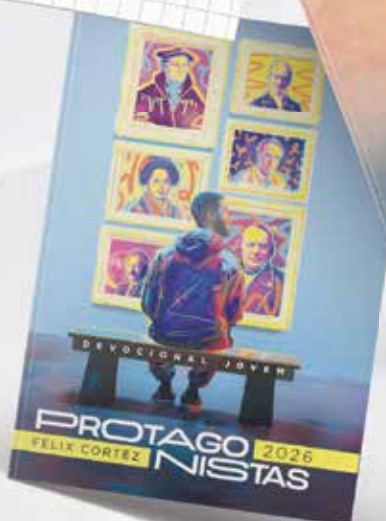
Que sua liderança em 2026 esteja totalmente focada no discipulado. Sua missão não é atrair seguidores para si mesmo, mas formar novos discípulos que, por sua vez, também se tornem agentes discipuladores. Afaste-se dos modelos de liderança “messiânicos”, que não enxergam além do próprio ego. Você não é um rei, mas o líder de uma igreja que se prepara para o encontro com seu Deus. Não estamos aqui para fazer o que nos parece certo ou o que nos agrada, e sim para cumprir fielmente o que Deus nos ordena.

Essa missão exige uma coragem extraordinária em meio à selva de raquitismo ético e espiritual em que vivemos. Por isso, mantenha uma comunhão diária e pessoal com Deus – é Dele que vem a sabedoria e o poder. ■

“
**Moisés atuou
como mentor
de Josué,
preparando-o
para liderar
a próxima
geração.**
”

20
26 DEVOCIONAIS

Adquira os devocionais
para você e sua família.
Transforme sua jornada
com Deus HOJE.



RECOMECE COM

DEUS



A cada manhã, um
recomeço.
A cada página, seu
coração mais perto
de Deus.



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790606
☎ 15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo



CPB

pra toda a vida